

NO ESPAÇO DE MEMÓRIA E DIREITOS HUMANOS (EX-ESMA): O MUSEU DA DITADURA ARGENTINA

Maria Cleci Venturini¹

Verli Petri²

Resumo: Mobilizamos, neste artigo, as duas teses propostas por Pêcheux ([1975], 1997), quais sejam: a) o sentido não existe em si mesmo de forma literal e b) a dissimulação das FD's se dá pelo efeito de transparência da linguagem, em sua submissão ao 'todo complexo com dominante' e pelo funcionamento da memória. Tomamos como arquivo "O Espaço de Memória e Direitos humanos (EX-ESMA) e como recorte, dentro desse arquivo "O Sítio Museu – ESMA. Buscamos responder as seguintes questões: 1) Como em um espaço de formação de oficiais se desenvolveram práticas de detenção, tortura e extermínio?; 2) Como o Museu é discursivizado, instaurando efeitos de sentido do sem-sentido em visitantes, sustentando-se como espaço do indizível, do impossível de dizer? Tudo indica que a memória que ressoa em (dis)curso nesse Museu Sítio de Memória ESMA encontra ancoragem na história, que compõe a narratividade de visitações guiadas, ressoando o período ditatorial, entretanto o Museu que funciona dentro desse espaço não é nomeado/designado de Museu da Ditadura, produzindo efeitos pelo que se diz e pelo que não se diz.

Palavras-chave: Sítio Museo. História. Memória. Metáforas. Extermínio.

IN THE SPACE OF MEMORY AND HUMAN RIGHTS (FORMER ESMA): THE MUSEUM OF THE ARGENTINE DICTATORSHIP

Abstract: In this article, we mobilize the two theses proposed by Pêcheux ([1975], 1997), namely: (a) meaning does not exist in itself in a literal or transparent form; and (b) the dissimulation of discursive formations occurs through the effect of transparency of language, in its submission to the "complex whole with a dominant," as well as through the functioning of memory. Our archive is the Space of Memory and Human Rights (former ESMA), and, within this archive, we focus on the Site Museum – ESMA. We seek to address the following questions: (1) How did practices of detention, torture, and extermination develop within a space originally dedicated to the training of military officers? (2) How is the Museum discursively constituted so as to produce effects of meaning through non-sense for its visitors, sustaining itself as a space of the unspeakable, of what is impossible to say? The analysis suggests that the memory that resonates in (dis)course within this Museum of Memory Site is anchored in history, which structures the narrative of guided visits and evokes the dictatorial period. However, the Museum that operates within this space is not named

1 Doutora em Letras (UFSM), docente nos programas de pós-graduação da UNICENTRO e UFPR. Bolsista Produtividade da Fundação Araucária – PR. E-mail: mariacleci.venturini@gmail.com

2 Doutora em Letras (UFRGS), professora titular da UFSM. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: verli.petri72@gmail.com

or designated as a Museum of the Dictatorship, thus producing effects of meaning through what is said and, equally, through what remains unsaid.

Keywords: Site Museum. History. Memory. Metaphors. Extermination.

Entremeando teoria e análises: questões iniciais

Prestamos uma homenagem a um autor cuja capacidade crítica produziu a tematização do histórico, do social, do ideológico, em um domínio de conhecimento em que esses assuntos são, desde algum tempo, colocadosmeticulosamente de lado para não atrapalhar o conhecimento sedentário e seu aliado mais próximo, o des-conhecimento (Orlandi, 1988, em “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio - “Nota à edição Brasileira”).³

A epígrafe com que iniciamos a nossa participação no Dossiê Especial “Les Vérites de La Palice, 50 anos depois”, ancora e legitima nossas posições, dentro das delimitações propostas para este texto, demandando que se aponte movimentos discursivos sobre espaços de memória, direitos humanos e museu. Nessa direção, há que se destacar o protagonismo de Eni Puccinelli Orlandi na fundação da Análise de Discurso (AD), tal como a praticamos, no Brasil. Foi ela quem nos trouxe a obra de Michel Pêcheux e quando o homenageamos, ressoa como memória por/em muitos discursos as releituras, os avanços, a formação de pesquisadores, enfim, a AD, designada de brasileira.

No que tange à nossa participação e às nossas pesquisas, que tomam o museu como objeto de estudo⁴, nos surpreendeu conhecer um espaço tão diferenciado na capital argentina. É preciso ter coragem para enfrentar as dores de um povo “guardadas” num espaço de memória para que não se repita. Da mesma forma que Orlandi nos fala de Pêcheux e demonstra que a sua teoria perpassa e constitui efeitos de coragem por ‘incursionar’ “pela tematização do histórico, do social, do ideológico em um domínio do conhecimento em que esses assuntos são [...] colocadosmeticulosamente de lado para não atrapalhar o conhecimento sedentário e seu aliado mais próximo, o des-conhecimento”.

No Espaço de Memória e Direitos Humanos (Ex-Esma), funcionam trinta e nove lugares em sua estruturação, incluindo monumentos que contribuem para a leitura do Espaço de Memória, dando visibilidade ao modo como ele abarca acontecimentos que não são somente da ditadura Argentina, mas também ligados a pautas relacionadas aos direitos humanos. Destacamos o espaço 17, nomeado de Espaço Cultural Nuestros hijos (ECuNHi) y anexo – Asociación Madres de Plaza de Mayo e, também, os espaços 25 e 26 Casa por la Identidade/abuelas de Plaza de Mayo, que se constituem como resultados da ditadura e ‘conversam’ com nossas análises sobre o *Museu Sítio de Memória ESMA*.

3 A epígrafe foi retirada da edição brasileira de “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, de 1997, da Nota à edição brasileira, em que destaca no título “Uma questão de coragem: a coragem da questão”, em que ressoa o percurso de Pêcheux, que reviu constantemente a teoria, sendo, conforme Maldidier (2003, 15) “o homem dos andaimes suspensos, de que fala desde 1966 Thomas Herbert [...]”

4 Maria Cleci Venturini se destaca no cenário nacional desde antes do seu percurso de doutoramento (início do século XXI); Verli Petri tem feito incursões sobre esse tema nos últimos anos.

As questões que nos interpelam em torno do Museu, em tela, são muitas, mas destacamos as seguintes: 1) Como em um espaço de formação de oficiais se desenvolveram práticas de detenção, tortura e extermínio?; 2) Como o Museu é discursivizado, instaurando efeitos de sentido do sem-sentido em visitantes, sustentando-se como espaço do indizível, do impossível de dizer? Vamos trabalhar com textos-imagem⁵, capturados quando de nossa visita e enunciados que compõem essas materialidades.

Para fins de organização, trazemos Pêcheux ([1975], 1997), discutindo alguns pontos de “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, rememorando/comemorando a sua atualidade 50 anos depois na Análise de Discurso e em nossos trabalhos. Por fim, apresentamos um primeiro movimento de análise a partir dos recortes realizados no Espaço Histórico, Núcleo do antigo Centro Clandestino de Detenção, Tortura e Extermínio. Recortamos textos-imagem que nos convocam a colocar em suspenso a configuração desse espaço, tomando o Museu Sítio de Memória as nomeações/designações a partir das placas indicativas de lugares de memória; tratamos sobre o ‘voo de la muerte’ e o eufemismo da morte, a partir da palavra translado e das redes de memória que ela convoca e, por fim, o *Museu Sítio da Memória ESMA* como espaço de perguntas, cujas respostas são elaboradas a cada visita, construindo uma história, que é tida como a julgadora dos acontecimentos históricos (Venturini, 2020, p. 17).

Em torno desse Espaço, sublinhamos o funcionamento de práticas que não se inscrevem na mesma ordem do discurso da ditadura (a detenção, a tortura e o extermínio) e a formação de oficiais que se desenvolvia na Escola de Guerra

Naval, indicando o antagonismo, que consiste em forças contrárias que indicam que há, pelo menos, duas formações discursivas em disputa nessas materialidades, colocando em um mesmo discurso forças que se embatem, tensionando-se, podendo-se compreender o modo como o sujeito é interpelado pela ideologia e se inscreve em formações discursivas, funcionando como efeitos paradoxais em um mesmo discurso que se parte/esfacela-se. Como consequência disso, temos a suspensão das atividades educacionais e a efetivação da Escola como espaço de tortura e morte, durante longos anos (1976-1983). A dor, o horror, a morte são elementos que impregnaram um espaço que foi de convivência e aprendizagem por quase 50 anos, por isso a transformação em espaço de memória e de defesa dos direitos humanos é tão importante e nos toca tanto durante a visita. A seguir, delineamos as questões teóricas em causa; após, os gestos analíticos de três textos-imagens.

Mobilizando Pêcheux como base para ler/interpretar/compreender o Museo Sítio de Memoria Esma

[...] os museus cumprem uma função social, política e histórica, significando pelo que é visível, pelos silêncios, por não-ditos, pelas rupturas, pelos equívocos e pelas saturações dadas por seus acervos e, também, pelo modo como as memórias são organizadas e ressoam por eles/neles, de acordo com os lugares de observação (Venturini, 2023, p. 246).

Os museus são lugares públicos e não estão isentos do funcionamento da ideologia e da memória que os atualizam, enquanto espaços que produzem conhecimento e, apesar de muitas vezes serem considerados ‘apenas’ como um espaço que ‘guarda’ objetos, memórias e preservam patrimônios, destacamos que eles se abrem para a interpretação e para leituras que encaminham para o novo, para o polissêmico (Orlandi, 2004). Nas análises, pensamos os silêncios, os não-ditos, as rupturas

⁵ Venturini (2024) pensa a imagem como texto, tendo em vista a sua inscrição em discursos, tendo em conta a sua constituição por redes de memória, por silêncios, apagamentos e, também, porque a sua interpretação decorre de sujeitos, dentro de determinadas condições de produção.

e os tensionamentos dos discursos que circulam nesses espaços, que estão recorrentemente “projetando futuros e, nesse ‘projetar’ conjugam saberes de diferentes ordens”. (Venturini, 2023, p. 254).

É preciso dizer que em, nossas pesquisas sobre Museus, pensamos esses espaços em (dis) curso, que “significam para além da história e do patrimônio” (Venturini, 2022, p. 14). A par disso, articulamos nossas reflexões no que a teoria de Pêcheux ([1975], 1997) nos diz, considerando que os avanços decorrem do que apontou o fundador da teoria do discurso materialista, quando articulou “em um mesmo espaço teórico, a Linguística e a Semântica e, como um avanço teórico, um terceiro termo: a Filosofia” (Venturini; Petri 2019, p. 17).

A sustentação dessa articulação se deve ao chamamento da Linguística para fora dos seus domínios – já pontuado por Saussure – considerando (Pêcheux [1975], 1997, p. 90-91) que “esses mecanismos linguísticos constituíam também o pano de fundo de uma reflexão “filosófica”. Com isso, possibilita que o linguista os acompanhe “através das questões da referência, da determinação e da enunciação” (idem, p. 91), vendo ao mesmo tempo que os fenômenos linguísticos e os lugares de questões filosóficas “pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais [...]”.

É assim que o fundador da teoria materialista do discurso destaca que a língua é a mesma para os sujeitos em distintas filiações ideológicas, mas o modo como os sujeitos mobilizam o acontecimento altera-se, pois, na perspectiva discursiva, o analista vai ‘desmontando’ regularidades e repetições, instaurando a opacidade. Conforme Pêcheux ([1983], 1999, p. 53), seria o “correspondente ao ponto de divisão do mesmo e da metáfora”. Na esteira de Pêcheux ([1975], 1997, p.

159-160, grifos do autor), destacamos que a ideologia, “através do ‘hábito’ e do ‘uso, está designando, ao mesmo tempo, ‘o que é e o que não deve ser’ e isso se dá, às vezes, por meio de ‘desvios’ linguisticamente marcados entre a constatação da norma e que funcionam como um dispositivo de ‘retomada do jogo’.

Em relação à língua, Orlandi (2002, p. 18-19) defende a dispersão de sentidos e o sujeito, sinalizando ser esta a condição do discurso, mas o funcionamento como unidade, que é um efeito ideológico, como construção do imaginário discursivo, defende que tanto “a dispersão quanto a ilusão de unidade são constitutivas” e suas reflexões, assim como as de Pêcheux, tomam a língua em sua base material, como uma necessidade de concebê-la enquanto estrutura, como “pré-requisito indispensável para pensar os processos discursivos”. Orlandi (2002, p. 19) faz observações sobre estas questões, considerando o funcionamento da ideologia, destacando que “ela não funciona como um mecanismo fechado (e sem falhas) nem a língua como sistema homogêneo” (Orlandi, 2002, p. 19).

Junto às discussões sobre o funcionamento de uma base linguística e de processos discursivos, Pêcheux discute sobre a norma identificadora, sobre os desvios e sobre a ilusão da transparência da linguagem para sublinhar que a ideologia instaura evidências da homogeneidade da linguagem e que essas evidências “mascaram o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados” (Pêcheux, [1975], (1997, p. 160]. Esse funcionamento é explicado por meio de suas teses:

- 1) o sentido das palavras não existe “em si mesmo”, reforçando “as posições ideológicas que estão em ‘jogo no processo sócio-histórico” (idem), referendando que o sentido depende das filiações ideológicas e das tomadas de posição do sujeito. Para sustentar essa tese, Pêcheux discute o funcionamento das formações

ideológicas e da formação discursiva, do que se entende que as noções se implicam e se reclamam, demandando discussões acerca dos desdobramentos do sujeito, das modalidades de identificação do sujeito (Pêcheux, [1975], 1997, p. 214- 231)⁶, da resistência, do que decorrem as torções, as formações imaginárias, o discurso se constituindo a partir de uma base linguística e de processos discursivos;

2) “Toda formação discursiva ‘dissimula’ pela transparência do sentido que nela se constitui sua dependência com respeito ao ‘todo com dominante’ das formações discursivas, intrincado complexo das formações ideológicas” (Pêcheux [1975], 1997, p. 162). Nessa tese, o teórico propõe designar o todo complexo com dominante de interdiscurso das formações discursivas (a memória do dizer, o Sujeito com ‘s’ maiúsculo), que também “se submete à lei de desigualdade-subordinação” e “caracteriza o complexo das formações ideológicas” (idem, p. 162). Discute, também, o funcionamento da memória pelo pré-construído que irrompe no intradiscursivo – como “algo que fala (ça parte) sempre em outro lugar e independente [...] sob a dominação do complexo das formações ideológicas”. Trata-se do “(‘sempre-já’ aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade – ‘o mundo das coisas’)” (idem, p. 214).

As duas teses que atravessam e constituem a teoria materialista são relevantes e constituem efeitos nesse estudo por tratarem, respectivamente do sentido e sua não-literalidade e do modo como nas formações discursivas ocorre a dissimulação da dependência ao todo com dominante, destacando a não-transparência da linguagem, priorizando sobremaneira o funcionamento da memória. Sob essa diretriz, o Museo Sitio da Memoria ESMA é um objeto complexo, perpassado por possibilidades de

6 https://www.espaciomemoria.ar/descargas/Diptico_PORTUGUES.pdf, acesso em novembro de 2025.

interpretação.

As duas teses e as noções que resultam delas são o arcabouço teórico deste texto. Nessa direção, trazemos Venturini ([2009], 2024) para destacar o pré-construído e o intradiscursivo como categorias do interdiscurso, pensando-o junto com Petri (2004, p. 42) como um lugar porque “todos os sentidos estão lá, mas só vão significar quando convocados com uma determinada formação discursiva”. Assim, o pré-construído funciona no eixo da formulação pelas filiações ideológicas do sujeito, constituindo-se como “uma construção anterior e exterior ao sujeito da enunciação, [...] dessa forma, materializam-se, no fio do discurso, as formações ideológicas, como aquilo que ‘fala antes’ e legitima o discurso, constituindo o aparente ‘consenso’ em relação ao dizer e ao saber” Venturini, [2009], 2024, p. 121).

Os pré-construídos⁷ irrompem no fio do discurso como se sempre estivessem em presença, significando como uma objetividade material do interdiscurso, instaurado por duas formas de discrepância, quais sejam: efeito de encadeamento do pré-construído e a articulação ou efeito transverso determinado pela ‘estrutura do interdiscurso’, articulando e sustentando todas as possibilidades de dizer.

Sobre o Museu Sítio da Memória – ESMA na perspectiva discursiva

A ciência, ao colocar em suspenso o que está documentado em museus, assenta-se em questões teóricas, propondo interpretações possíveis do conhecimento histórico, científico e das teorias mobilizadas. Desse modo, o conhecimento científico mobilizado na organização e na estruturação de museus, na passagem para o conhecimento escolar, é pedagogizado de modo a dar espaço ao reconhecimento dos saberes em circulação

7 Sublinhamos que Pêcheux ([1975], 1997) vai retomando as noções, mostrando os seus funcionamentos, estabelecendo redes, destacando as retomadas e as implicações. Essa mesma noção retorna em relação aos desdobramentos do sujeito, às modalidades de identificação (pp. 214-231), antecipando noções como acontecimento discursivo e resistência.

O trabalho que temos realizado sobre museus (espaços de memória e memoriais)⁸ e a tomada desses espaços em (dis)curso, constitui-se como um risco à medida que não podemos nos isentar da história e nem ‘teorizar’ a museologia, que é, como bem sabemos, um domínio do conhecimento com seus pressupostos teóricos e metodológicos próprios, dando concretude ao trabalho da memória, do patrimônio e de outras questões, visando à preservação, ancorada por uma dimensão social, institucional e política. De acordo com Poulot (2013, p. 17), o museu funciona como “qualquer estabelecimento permanente, administrado no interesse geral, com o objetivo de conservar, estudar, valorizar por diversos meios”.

Como instituição, o museu agrega a educação, a arte, a ciência e a técnica, e, como analistas, consideramos as discursividades, destacando os efeitos de sentidos para analisar os diferentes espaços de memória. O que não podemos perder de vista é a nossa filiação teórica e os nossos objetivos e o fazemos de forma análoga ao linguista que toma a língua como seu objeto, mas atendendo à sua especificidade, descreve-a e não ‘dita’ normatiza ou “dita” regras, pois essa é a função do gramático. Quando analisamos museus, memoriais e espaços de memória buscamos os efeitos de sentido sobre questões relevantes para cada formação social, dentro de projetos de gestão, que envolvem sujeitos e suas tomadas de posição, resultantes da interpelação ideológica e do atravessamento do inconsciente.

Na perspectiva discursiva, como pesquisadores e investidos dessa condição, pensamos o museu como corpo político e o fazemos analisando as materialidades não em

sua literalidade, como se os sentidos estivessem sempre-já lá. Para isso, retornamos a Pêcheux ([1975], 1997) retomando teoricamente as teses em torno do sentido e da dissimulação de dependência da formação discursiva ao todo complexo com dominante. As duas teses nos permitem trabalhar com o funcionamento da memória, colocando em suspenso o modo como ela retorna em (dis)curso, a partir da língua como sistema e de processos discursivos. Mobilizamos em nossas discussões o efeito metafórico e a metáfora, em que funcionam o real e o simbólico, em que o espaço de memória significa como corpo-político que significa pela presença-ausência. Com isso, ressoa o projeto de gestão e os direcionamentos decorrentes dele, o qual ocorre a passagem de textualidades de análise a objeto discursivo, perdendo, assim, a objetividade e o sentido em uma única dimensão, tendo em vista que, conforme Pêcheux ([1975], 1997), os discursos decorrem de sujeitos, sempre atravessados pelo ideológico.

Para este texto, tomamos como objeto discursivo o *Espaço de memória e direitos Humanos (Ex-ESMA)*⁹ e o nosso recorte incide sobre o Museo Sítio de Memoria ESMA, referindo ao já destacado espaço de detenção, tortura e extermínio, tombado pela UNESCO como Sítio Del Património Mundial. Em visita dirigida por um guia-historiador, realizada em junho de 2025, vimos que as questões históricas e de memória sustentam esse espaço, trazendo acontecimentos, monumentos e peças memoriais para dar a ver a ditadura no museu. Um dos destaques está para o avião, que levava os prisioneiros para o “voo da morte”¹⁰.

9 Disponível em: <https://ippdh.mercosur.int/o-museu-do-sitio-de-memoria-esma-e-patrimonio-mundial/?lang=pt-br>, acesso em 1º de dezembro de 2025.

10 Os “voos de la muerte” consistiam em práticas em que aviões das Forças Armadas argentinas jogavam pessoas, a maioria delas vivas, ao Rio da Prata ou ao mar, depois de dopá-las. Foi um dos planos de extermínio levado a cabo durante o regime militar argentino. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56969227>, acesso em 09 novembro de 2025

O Museu Sítio de Memória ESMA poderia ser discursivizado a partir de distintas tomadas de posição, pois é o analista, que diante do arquivo determina o direcionamento das análises. Essa determinação não se deve a uma escolha pessoal, mas do projeto de criação do espaço, de sua estrutura e, da questão de pesquisa que ele suscita como “coisas a saber” (Pêcheux, 2002) diante do arquivo, pensando nas repetibilidades e no fato novo que pode ressoar dele. O nosso *corpus* é o espaço que funciona como um museu sítio de memória, dentre do *Espaço de Memória e Direitos Humanos (Ex-ESMA)*, que ocupa 17 hectares de edificações, no qual ressoa o período da ditadura na Argentina.

Realizando movimentos analíticos

Iniciamos o percurso analítico, destacando as nomeações, que encaminham para as designações desse espaço, entendendo a partir de Guimarães (2003) que nomear significa dar existência a espaços, sujeitos ou acontecimentos. Já a designação¹¹ constitui-se por redes de memória, indicando relações de sentidos para o nomeado, neste texto, para o Espaço de Memória e Direitos Humanos (Ex-ESMA). Para isso, trazemos as três placas que constituem o texto-imagem 01, tomando-as como monumentos, por indicarem um percurso de funcionamento desse espaço. Vale sublinhar que A Escuela de Mecánica de La Armada (ESMA) funcionou como escola entre 1938 e 1976, só depois se transforma em Centro Clandestino de Extermínio, que esteve ativo de 1976 a 1983, funcionando no espaço destinado à formação de oficiais superiores, especificamente

¹¹ Venturini desenvolve com Apoio da Fundação Araucária/PR (Edital Pesquisa Básica e Aplicada – CP 23/2024) o projeto As palavras no trapacear da língua e funcionamento do equívoco e de deslizamentos”, em que discute como o nomear e o designar como modos de ‘trapacear’ a língua, sinalizando para espaços de memória que as nomeações/designações convocam e ‘fazem trabalhar’, conforme Pêcheux (2002).

ao Estado-Maior da Marinha Naval e, na contemporaneidade, configura-se como espaço de resistência e de luta, abrangendo lutas sociais, políticas e econômicas argentinas, destacando, especialmente, grupos minorizados¹².

Placas¹³ de identificação e demarcação do Espaço de Memória e Direitos Humanos



Texto-imagem 1 – arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini, capturado em junho de 2025.

Chamou a nossa atenção, durante a visita guiada com foco na história, que toda a narratividade (Orlandi, 2017) apresentada aos visitantes tem como fio condutor o período

¹² O que trazemos para o texto como parte das condições de produção, encontram-se disponíveis no site, no link a seguir, acessado em 05 de dezembro de 2025: https://www.espaciomemoria.ar/descargas/Diptico_PORTUGUES.pdf

¹³ Tomamos as placas como textos-imagem, entendendo que elas se constituem pela memória que ressoa a partir de sujeitos e por discursos que circularam antes e retornam preenchendo ‘furos’, relevantes para a leitura do espaço e, também, das condições de produção no tempo presente, funcionando na contemporaneidade e no tempo pretérito, como constitutivo.

ditatorial que ocorreu entre 1976 a 1983. Mesmo assim, como se pode ver no texto-imagem 1, nas três placas de identificação, não há referência à ditadura, mas a práticas que lá se desenvolveram, o que se inscreve como repetibilidade é a identificação do espaço como Ex-Centro Clandestino de Detención, Tortura y Exterminio, sinalizado o funcionamento da Escola de Mecânica Armada – ESMA¹⁴.

As memórias e discursos que ressoam, constituindo cada textualidade como discursividade instauram efeitos de sentidos relevantes para a análise discursiva do espaço de memória, constituindo redes de memória e encaminhando para diferentes domínios na formação social, provocando uma agitação

[...] nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por sua infelicidade' [...] (Pêcheux, [1983], 2002, p. 56).

Na primeira placa, há informações sobre o decreto de criação da instituição, a data, quem assinou o documento - a presidente da época - essas informações simulam a transparência da linguagem, esquecendo a impossibilidade de 'fechar' a interpretação, de saturar o discurso, apagando seus efeitos, dentre eles o de filiar-se à resistência e à denúncia. Trata-se de um monumento histórico nacional e essa informação se restringe a acontecimentos da Argentina, indicado no fio do discurso pelo adjetivo 'nacional' que liga o monumento ao acontecimento que ele rememora/comemora.

14 O site do Espaço de Memória e Direitos Humanos, de acordo com o site, insere na cultura do "Nunca Mais", dando a dimensão da violência que ocorreu naquele período. <https://ippdh.mercosur.int/o-museu-do-sitio-de-memoria-esma-e-patrimonio-mundial/?lang=pt-br>, acesso em 01 de dezembro de 2025.

A placa traz mais informações sobre o espaço, referindo que se trata de um Ex- Centro de Detenção, de tortura e de extermínio e que era o Cassino dos Oficiais. Essa última referência encaminha para efeitos de sentidos de clandestinidade, pois se trata de um espaço mais fechado, no qual os alunos da Escola Naval não tinham livre acesso.

O número do Decreto - 1333/05 - o nome de Cristina Fernández de Kirchner (Presidenta da Nación) e a palavra nacional simulam a saturação do discurso, como se fosse possível tudo dizer, como se as 'coisas a saber', estivessem todas aí. Esse efeito de saturação não é indiferente aos sentidos, referendando, em consonância com a primeira tese de Pêcheux (1997), que a placa nomeia e dá visibilidade aos espaços, como indicação, mas a passagem à designação se dá pelas redes de memória que se constituem, sustentadas pelas filiações dos sujeitos – curadores e visitantes - pelos pré-construídos em torno do que retorna quando se diz Centro de Detenção, Tortura e Extermínio e quando se lê que foi uma 'Escuela' de Mecânica Armada (ESMA). Não são as nomeações que fazem do espaço um Monumento Nacional, mas os funcionamentos dos pré-construídos no eixo da formulação pela articulação e pelos discursos transversos. A segunda tese de Pêcheux (1997) funciona pela dissimulação de transparência ao 'todo complexo com dominante', como se o discurso fosse isento da memória que retorna e de discursos que circularam antes em outros lugares. É a dissimulação é de que se trata 'apenas' de um lugar.

A placa que identifica o espaço como *Património Cultural Del Mercosur* traz informações que funcionam discursivamente como determinantes do que seja esse espaço e do seu alcance. Além disso, destaca que "La Ministra y Ministros de Cultura del MERCOSUR inscriben el "Museo Sítio de Memoria ESMA" – Ex-Centro Clandestino

de Detención, Tortura y Exterminio, da “Ciudad Autónoma de Buenos Aires, República Argentina na lista de Património Cultural del Mercosur”. As indicações sobre a materialidade na linearidade do discurso são nomeações. A passagem à designação do espaço se sustenta não só pela assinatura dos três ministros e pelo nome dos espaços, mas também pela legitimidade constituída, retornando a co-participação desses países na luta e na resistência à ditadura, ressoando um “Nunca Mais”. A parceria e a inclusão dos demais países, os quais também passaram por um período de ditadura militar, bastante similar, mas não igual, pode ressoar como um compromisso de paz, que se sustenta no espaço que a América Latina ocupa frente a países que dominam a política, a economia e a sustentabilidade internacional.

O “casino” que inicialmente funcionava como um lugar de permanência dos oficiais, passa a ser espaço de detenção de prisioneiros submetidos a todos os tipos de sofrimentos. Em nossa visita, vimos que nesse espaço, na contemporaneidade, não há marcas do tempo da “Escuela”, há materialidades que nos remetem ao período de exceção pelos funcionamentos da memória como interdiscurso, pelos efeitos de pré-construídos que possibilitam compreender o que é um cassino e o que é uma ‘Escuela’. No (dis)curso, esse já-significado como se estivesse em ‘presença’, mesmo na ausência, materializa-se pela articulação, trazendo as identificações do que foi o espaço, enquanto ex-centro clandestino e o que acontecia no lugar (detenção, tortura e extermínio) funcionam como discurso transverso. Vemos atravessarem-se os domínios do ensino (o que constitui uma escola e quais os princípios e determinações que a sustentam); da hierarquia militar (oficiais separados dos recrutas, tendo um lugar especial) e o político (sujeitos, sendo presos e torturados à revelia da justiça).

Por fim, na composição do texto-imagem

1, há repetição do que aparece quando o espaço é nomeado *Monumento Histórico Nacional*, incluindo o movimento que essa nomeação engendra na passagem à designação e, também, quando indica que se trata de Património Cultural Del Mercusur. A nomeação *Museo Sítio de Memoria ESMA*, que constitui este texto-imagem, além da repetibilidade destaca que o Museu foi tombado como patrimônio da Humanidade pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e que ele está associado e dá visibilidade à repressão ilegal que foi praticada e coordenada pelas ditaduras da América Latina. Sobre essa referência a ser tombado pela UNESCO como patrimônio mundial destacamos que a responsabilidade da Argentina fica minimizada, por ter acontecido também com outros países. Com isso se apaga que nesse país houve uma ditadura violência, podendo-se trazer, também os “voos da morte”, uma referência importante que se encontra no reconhecido Cassino dos Oficiais, onde ficavam os prisioneiros.

Ainda, em relação ao texto-imagem 1, chamamos a atenção que, apesar de ressoar e de estar presente nas práticas do período da Ditadura, essa nomeação não aparece nas placas, mas no site¹⁵ está destacado que o *Museo Sítio da Memória ESMA* “é a prova do terrorismo do estado e a prova judicial nos casos de crimes contra a humanidade” e na continuidade referenda o local de funcionamento do Museo, sublinhando que ficava no antigo cassino dos oficiais. Além dessas referências no site é destacada a presença de movimentos sociais e políticos nesse espaço e como memória ressoa a Argentina como exemplo de resistência, por ter levado a julgamento os torturadores de pessoas e os defensores da ditadura. Um dos efeitos de sentido indica que a resistência faz parte do povo argentino e as indicações dessa prática

15 Disponível em <https://ippdh.mercosur.int/o-museu-do-sítio-de-memoria-esma-e-patrimônio-mundial/?language=pt-br>, acesso em novembro de 2025. É salutar que o site seja acessado para aprofundamento das informações.

encontram-se não só como memória, mas como luta constante observadas nos movimentos sociais: dos estudos, dos operários, das mães e avós da Praça de Maio, para citar alguns.

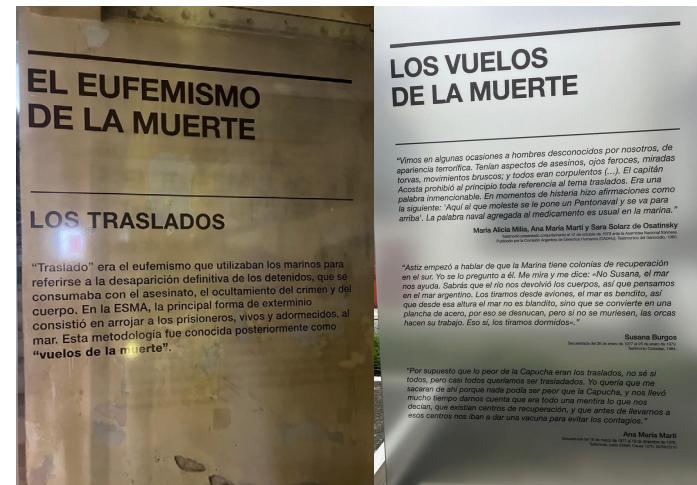
Em relação às placas, como materialidades discursivas, ressoa a reiteração, em todas elas, de que se trata da Ex-ESMA e em relação a essa reiteração identificamos o antagonismo, funcionando em um acontecimento histórico em que detenção, tortura e extermínio é um caminho que ‘anda’ em paralelo com outro caminho – o da produção do conhecimento, o da vida que flui, o do progresso, o da ciência. Trazemos a metáfora do caminho, pensando no movimento político das ditaduras, no qual a violência, o desmando e o extermínio ‘andam’ concomitantemente com a educação, um dos direitos essenciais da humanidade. Os dois caminhos ‘andam’ em paralelo e não se encontram. Pêcheux ([1975], 1997, p. 160) trabalha a metáfora em relação ao sentido.

Sobre o translado e as metáforas no discurso sobre morte e extermínio

Importa destacar, ainda que brevemente, a presença de um objeto de tamanho grande no espaço ao ar livre: um antigo avião militar. Tal objeto chama a atenção dos visitantes e é apresentado pelo guia como a materialidade, a prova concreta de que os voos da morte aconteciam e eram considerados de grande eficácia, pois os corpos torturados e mortos desapareciam em alto mar, onde eram despejados como “sacos de batatas”. Havia um cuidado muito especial de que não restasse nada que identificasse as vítimas, pois em caso de algum corpo ou parte dele ser levado pela correnteza até terras uruguaias não haveria como responsabilizar as forças repressoras argentinas pelas atrocidades cometidas.

Da presença deste objeto, que nos tocou profundamente, vamos recuperar dois textos-

imagens para uma rápida reflexão, conforme segue:



Textos-imagem 2 e 3 – arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

Reunimos os dois textos-íagem para a visualização conjunta, posto que o primeiro traz dois testemunhos, de onde destacamos a presença da palavra “traslado”; e a segunda, quando há um esforço em definir “traslado”. Uma reflexão sobre a palavra e seu funcionamento neste espaço em estudo pode contribuir para a compreensão das duas teses elencadas na proposta deste texto, quais sejam: a) o sentido não existe em si mesmo de forma literal e b) a dissimulação das FD’s se dá pelo efeito de transparência da linguagem, em sua submissão ao ‘todo complexo com dominante’ e pelo funcionamento da memória.

A palavra translado aparece no Dicionário de Língua Espanhola da Real Academia de Espanha logo na primeira acepção vai remeter aos sentidos de transporte, conforme segue: “Traslado: Del lat. *translātus*, part. pas. de *transfere*. 'Transferir, trasladar'. m. *Acción y efecto de trasladar.*” No espaço de apresentação de palavras sinônimas, abrem-se possibilidades de sentidos figurados, ampliando as possibilidades de abertura para o simbólico (Orlandi, 2004), conforme segue: “Sin.: cambio, desplazamiento, locomoción, transporte, acarreo, trasiego, mudanza, porte, flujo, viaje1, migración, emigración, trasvase.”¹⁶

16 Disponível em <https://dle.rae.es/traslado?m=form>, acesso em 19.12.2025.

Destaca-se aqui a palavra “viaje” que remete à nota 1, conduzindo o consulente, pelo efeito “palavra-puxa-palavra” (Petri, 2018; 2025), ao verbete “viaje” com a primeira acepção, conforme segue: “Del occit. o cat. viatge. m. Acción y efecto de viajar. Sin.: escapada, visita, excursión, paseo, odisea, aventura, expedición, gira, peregrinación¹⁷.” Essa acepção indica direção de sentidos de execução da ação de viajar, mas os sinônimos, mais uma vez, abrem um leque de sentidos que nos interessa explicitar aqui, posto que o traslado era uma viagem sem volta: odisseia, com todas as dificuldades que uma odisseia¹⁸ engendra.

Por tudo isso, reafirmamos o funcionamento das teses de Pêcheux, quando ele nos diz que não existe um sentido literal para uma palavra, este sentido depende das relações da palavra com sua exterioridade constitutiva, num dado momento histórico e sob dadas condições de produção. Neste caso, a palavra traslado vai ser “proibida” (texto-imagem 2), por significar diferente do que está posto numa definição dicionarística ou de uso mais corriqueiro, tratar-se da agregação de sentidos outros à história da palavra (Petri, 2018; 2024; no prelo). Já no texto-imagem 3, deparamo-nos com um esforço de definição da palavra translado, justamente porque os sentidos em circulação não dão mais conta dos efeitos que ela produz numa realidade específica e social que é a ditadura. O não dizer morte, assassinato ou desaparecimento exige uma outra escolha lexical, ainda não marcada de sangue e horror, mas que parcialmente recobre o “sítio de significância” (Orlandi, 2004) que remete à viagem, à odisseia, à morte (ainda que via eufemismo). De fato, uma palavra pela outra não é sinônimo, implica transformação de sentidos, indicando “efeitos metafóricos” (Pêcheux, [1975] 1997), e, nesse

caso, dizer “traslado” é dizer morte, assassinato e horror. Mais uma vez nos deparamos com o funcionamento da primeira tese aqui elencada, pois além de não haver um sentido literal para a palavra, passamos a compreender que há sempre possibilidades de dizer o mesmo de outro modo, que os sentidos sempre podem ser outros (Orlandi, 2004).

A segunda tese engendra uma especificidade maior porque temos de levar em conta os saberes de diferentes FDs em circulação nesse espaço discursivo, o que pode e não pode ser dito, bem como o que deve e o que não deve ser dito. Dizer morte é criminalizar os atos ali cometidos, isso interessaria para quem? Há “um todo complexo com dominante” em funcionamento, estabelecendo relações entre o que pode e deve ser uma escola de formação de oficiais militares argentinos, e o que não pode ser. Certamente não poderia ser dito como um espaço de tortura e morte. O espaço físico é um elemento constitutivo dos sentidos dominantes, ele também colabora com a dissimulação dos efeitos ideológicos, pois não haveria uma “antecipação” no nível do imaginário de que uma escola poderia ser um espaço de tortura e de extermínio. A memória funciona para sustentar sentidos já dados, quando todos sabem o que é uma escola, por exemplo. No entanto, a memória não pode garantir que os contra-discursos não emergam. Aí se estabelece a tensão entre diferentes tomadas de posição de sujeitos no discurso e a ideologia determina de que lado da “trincheira” cada sujeito está, expondo as contradições e até os antagonismos já identificados

Considerações finais

É sempre essencial retornar ao livro “Les vérités de La Palice”, de Michel Pêcheux. Neste caso para rememorar/comemorar o seu cinquentenário e demonstrar como ressoa em

17 Disponível em <https://dle.rae.es/viaje#bim8Lvh>, acesso em 19.12.2025.

18 Considerando aqui que para odisseia vamos encontrar o sinônimo de “penalidade”, cf. em <https://dle.rae.es/odisea?m=form>, acesso em 19.12.2025.

nós e funciona para as análises. Neste artigo, buscamos explorar, ainda que de modo parcial, o arquivo de textos-imagem que Maria Cleci Venturini capturou em visita que as autoras fizeram ao Espaço de Memória e Direitos Humanos, em Buenos Aires, na Argentina, no ano de 2025. O objetivo inicial da visita era “encontrar” o Museu da Ditadura argentina, mas esse nome não consta em nenhum lugar, nenhum site... O Museu Sítio da Memória guarda parte desta história mas não é nomeado como ditadura, isso nos intrigou e nos moveu na direção destas análises que apresentamos aqui. Ao chegarmos lá para a visita nos deparamos com uma ex-escola, isso também nos impactou. Tais fatos nos conduziram a perguntar: 1) Como em um espaço de formação de oficiais se desenvolveram práticas de detenção, tortura e extermínio?; 2) Como o Museu é discursivizado, instaurando efeitos de sentido do sem-sentido em visitantes, sustentando-se como espaço do indizível, do impossível de dizer? Ao final dessa reflexão não chegamos a respostas completas ou definitivas para as perguntas iniciais, mas certamente apontamos possíveis gestos de interpretação a partir da mobilização do dispositivo teórico e analítico da AD. Nossa expectativa é de seguir explorando esse corpus e seguir agregando sentidos ao que já temos como parcial e provisório, o que poderá provocar também outros pesquisadores a investir nesse campo tão pleno em sentidos.

Como nossas análises indicam a memória que ressoa em (dis)curso nesse Museu Sítio da Memória e encontra ancoragem na história, que compõe a narratividade de visitações guiadas, ressoando o período ditatorial, entretanto o Museu que funciona dentro desse espaço não é nomeado/designado de Museu da Ditadura, produzindo efeitos pelo que se diz e pelo que não se diz. Ao final de nossa reflexão outra questão se coloca: como esse nome Museu Sítio da Memória funciona? Seria um nome bastante indeterminado, pois poderia guardar qualquer

memória. Neste caso guarda parte da memória da Ditadura Argentina.

Ao analisarmos o funcionamento da palavra “traslado” sem remeter ao sentido corrente no dicionário demonstramos que há relações de sentidos com transporte, mas há também a proibição de sua pronúncia, como uma tomada de consciência de um sujeito que determina que ao se dizer *traslado* se está dizendo (ainda que sem dizer): morte, assassinato e desaparecimento.

Podemos dizer que esse lugar de memória, por nós visitado, constitui-se como um dos espaços de grande interesse e diz respeito a um capítulo sangrento da história da Argentina, ressoando gritos de horror de uma ditadura particular (a Argentina), mas também a memória da ditadura, a grande, nos países da América Latina. Importa destacar, ainda, que a visita a esse espaço inicia com a história mais concreta do período ditatorial, dando um percurso de crescente tensão, pois as marcas do horror estão por toda parte, e termina em uma sala com a apresentação de um importante documentário que mostra fragmentos do julgamento dos torturadores, explicitando as condenações, assim como o destino dos que, por algum motivo, não foram a julgamento. Assistir a esse documentário, em 2025, nos leva a refletir como o povo argentino lidou com as atrocidades cometidas na ditadura, um modo tão diferente da do povo brasileiro, pois lá não houve anistia, nem haverá, já no Brasil sabemos que houve anistia e que a democracia está sempre sendo posta à prova. O que referimos que há nessas placas, iniciando pela primeira, indica condições de produção do discurso, constituindo-se como possibilidade de ler/interpretar/compreender a textualidade (Orlandi, 2004). De fato, tomamos a posição-sujeito de brasileiras, ora nos identificamos com as histórias lá contadas, ora estranhando os modos como a nação vizinha resistiu e fez justiça.

Referências bibliográficas

- COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO, Maria Cristina Ferreira. Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. Sagra Luzzato, Porto Alegre, 1999, p. 14-22.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. *Letras*, (26), 2003, p. 53-62. <https://doi.org/10.5902/2176148511880>.
- KRUMMEL, E. A. ; PETRI, Verli . Entre aspas: dos gritos...das gotas d'água...navegando por um percurso memorial. In: Maria Cleci Venturini; Gesualda de Lourdes Santos Rasia. (Org.). Museus, Arquivos e Discursos: funcionamentos e efeitos da Língua, da Memória e da História. 1ed.Campinas - SP: Pontes Editores, 2020, v. 1, p. 37-61.
- MALDIDIER, Denise. A Inquietação do Discurso: (re)ler Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.
- MUNHOZ, J. M. L. ; PETRI, Verli ; BRANCO, N. História, memória e gestos de interpretação: uma experiência linguística e discursiva no interior do museu de Cádiz. In: Maria Cleci Venturini. (Org.). Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso. 1ed.Campinas - SP: Pontes Editores, 2017, v. 1, p. 25-49.
- ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 5^a. Ed, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- ORLANDI, Eni. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. Trad. Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre [et. all]. O papel da memória. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999, p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et. al], 3 ed, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou acontecimento. 3. Ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983], 2002.
- PETRI, Verli. O funcionamento das remissões: três movimentos produzindo efeitos de sentidos no interior de instrumentos linguísticos. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos; CARVALHO, Fabiola Gomide Baquero; SARIAN, Maristela Cury. (Orgs.). Afetos e efeitos em torno de Mariza Vieira da Silva. Cáceres: Editora UNEMAT, 2025, p. 185-203.
- PETRI, Verli. Ensaio sobre deslocamentos produzidos pela passagem do “gesto de leitura” à elaboração de um instrumento linguístico. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 28, n. 63, p. 47-67, 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/33238>. Acesso em: 21 set. 2025.
- PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o Pajubá/ Bajubá: de linguajar popular a museu. In: Maria Cleci Venturini; Marilda Aparecida Lachovski. (Org.). Museus, memoriais e arquivos: a língua na história. 1ed.Campinas - SP: Pontes Editores, 2023, v. 1, p. 19-34.
- PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/85032/49004>. Acesso em: 21 set. 2025.
- PETRI, Verli. Histórias das palavras: ensaio sobre o trabalho teórico e analítico. In: TEIXEIRA e SILVA, Roberval; MEDEIROS,

Vanise; MARCEL, Phellipe. Formação de pesquisadoras/es: na heterogeneidade do trabalho teórico-analítico em estudos da linguagem (No prelo).

PETRI, Verli. 2004. Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2004).

PETRI, Verli; VENTURINI, M. C. O museu do Isolamento: algumas reflexões sobre o tempo presente. In: Amanda Scherer; Dantielli Assumpção Garcia; Fábio Ramos Barbosa Filho; Lauro Baldini; Lucília Maria Abrahão Sousa. (Org.). Restos de horror. 1ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 275-291.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Ensaio Geral).

VENTURINI, Maria Cleci, PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação da AAD-69. In: GARCIA, Dantielli; SOARES, Alexandre Ferrari. (Org.) De 1969 A 2019: Um percurso da/na Análise de Discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, pp. 11-25.

VENTURINI, Maria Cleci. A história e as polêmicas do/o político. In: PETRI, Verli [et all], Org.) Dicionários em análise: palavra, Língua, Discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 15-35.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus em (dis)curso na/por uma história de 'Nunca Acabar'. In: VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda dos Santos. Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da Língua, da memória e da História. Campinas?SP: Pontes Editores, 2020a, p. 21-36.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e memoriais em (dis)curso para além da História e do Patrimônio. Diálogos Pertinentes- Revista Científica de Letras, 2022, p. 8-21. <https://doi.org/10.26843/dp.v18i2.3818>

VENTURINI, Maria Cleci. A produção do conhecimento em museus: um estudo preliminar sobre o Museu do Holocausto. In: VENTURINI, Maria Cleci, LACHOVSKI, Marilda. Museus, memoriais e arquivos: a língua a história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 245-266. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 235-157.

VENTURINI, Maria Cleci. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. A. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2024.

VENTURINI, Maria Cleci. Museu-Jardim, o corpo-ausente e a visibilidade do corpo-documento na cidade-museu. In: SANTOS, Mariana; LACHOVSKI, Marilda. Entre equívocos e deslocamentos: a língua e literatura em movimento. Campinas/SP: Pontes Editores, 2024a, p. 135-152.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus, memoriais e lugares de memória: o testemunho como corpo. In: VITORIANO-GONÇALVES, Luana; VENTURINI, Maria Cleci (Orgs.) Perspectivas teórico-práticas: diversidade cultural, histórica e memorial. São Carlos; Pedro & João, 2025, p. 144-164.

VENTURINI, M. C.; PETRI, Verli. A narratividade do holocausto em dois espaços de memória. In: Mariani, Bethania; Rodrigues, Andréa; Dias, Juciele; Fragoso, Élcio. (Org.). A Linguagem e seu funcionamento: 40 anos... e mais. 1ed. Rio de Janeiro - RJ: Edições Makunaima, 2024, v. 1, p. 236-254.

Submissão: dezembro de 2025

Aceite: dezembro de 2025